

# QUESTÕES DE ESTILO NO GÊNERO CHAT ABERTO E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA\*

JÚLIO CÉSAR ARAÚJO  
BERNARDETE BIASI-RODRIGUES

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Internet é uma invenção humana incrível que recebeu fortes influências da mistura dos serviços de telefonia com os serviços da informática, originando a *telemática*. Com isso, parece ser inconteste o fato de que está em sua gênese a vocação para a hibridização, pois as possibilidades combinatórias de linguagens, de gêneros e de estilo parecem ser inesgotáveis nesse ambiente discursivo. Por esta razão, entendemos a Internet como um espaço ou uma esfera de atividade humana, no sentido bakhtiniano do termo, no qual se ambientam inúmeras práticas discursivas singulares. Ao entender a Internet de modo semelhante, Marcuschi (2004) ressalta que tal esfera “transmuta de maneira bastante complexa gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros” (p. 19). Neste sentido, ao nos debruçarmos sobre o estudo dos *chats*, percebemos que eles possuem um grande poder absortivo e revelam muitas características de sua esfera discursiva. Uma dessas características é a de transmutar outros gêneros para o seu interior, reinterpretando-os como partes que lhes constituem e os organizam em uma constelação (cf. ARAÚJO, 2004a; 2006).

Não pretendemos abordar em profundidade o fenômeno da transmutação aqui<sup>1</sup>, pois o objetivo geral deste trabalho é discutir a categoria *estilo*. Isto se justifica porque a nossa intenção é mostrar alguns elementos que podem ser considerados como marcas estilísticas do gênero *chat* aberto, doravante <CAB>, as quais podem ser identificadas nos rastros deixados pela transmutação, fenômeno formativo responsável pelo surgimento de gêneros mais complexos.

Tomaremos como base teórica a concepção de estilo formulada por Bakhtin, que o entende como inerente ao gênero. Embora haja quem considere a tentativa de compreender as práticas discursivas da Internet à luz de Bakhtin como algo anacrônico, diríamos que essa interpretação estaria correta caso este autor, como muito bem defende Machado (2005), não tivesse inaugurado a possibilidade de “considerar as formações discursivas do amplo campo da comunicação mediada, seja aquela processada pelos meios de comunicação de massas ou das modernas mídias digitais, sobre o qual, evidentemente, Bakhtin nada disse, mas para o qual suas formulações convergem” (p. 152).

Como desdobramento da discussão teórica e da análise de algumas marcas de estilo no <CAB>, consideramos relevante apontar alguns questionamentos acerca do tratamento da linguagem praticada no meio virtual. De acordo com a nossa opinião, o

---

\* ARAÚJO, J.C. & BIASI-RODRIGUES, B. Questões de estilo no gênero *chat* aberto e implicações para o ensino de língua materna. In: ARAÚJO, J. C. (Org.). **Internet & Ensino**: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 78-92.

<sup>1</sup> O leitor poderá encontrar detalhes dessa discussão em trabalhos anteriores, como em Araújo (2004b; [2003] 2005a; 2006), nos quais a concepção de transmutação é usada para explicar a formação dos gêneros *chats*.

domínio das práticas discursivas que se revelam em gêneros da esfera digital é mais um desafio para o ensino e merece ser tratado como um novo instrumento a serviço do uso eficaz da linguagem. Numa perspectiva sócio-discursiva (cf. BRONCKART, [1997]1999), podemos dizer que a atividade de linguagem em sala de aula deve ter em vista a inclusão do aluno na construção do conhecimento e a sua efetiva inserção social, que se funda na apropriação dos mais diversos gêneros e de estratégias de textualização.

Com o advento da Internet, como usuários e profissionais do ensino da linguagem, não só convivemos com a transposição de alguns gêneros do meio impresso para o digital como nos defrontamos com significativas transformações decorrentes dos recursos da nova tecnologia e, em consequência, temos de operar comunicativamente com novos gêneros e com uma linguagem multimodal (cf. JEWITT & KRESS, 2003) e multifuncional, o que nos exige um letramento digital. Antes mesmo que a escola tenha dado conta de lidar com o novo paradigma de ensino intermediado pelos gêneros textuais (cf. BIASI-RODRIGUES, 2002; 2004a; 2004b), a Internet vem, avassaladora, num comboio carregado de novidades e desafios que estão bem longe do alcance de muitos professores de ensino fundamental e médio. Em decorrência disso, a escola não pode ficar à margem da história ou, melhor dizendo, precisa construir a sua história absorvendo novos conhecimentos e novas tecnologias e valendo-se deles para promover um ensino-aprendizagem contextualizado.

Feitas essas considerações preliminares, para a organização das informações neste capítulo, destacaremos a estreita relação que Bakhtin faz entre estilo e gênero, depois descreveremos brevemente as estratégias metodológicas empregadas na pesquisa com o gênero *chat* aberto e, por fim, apresentaremos os resultados da análise dos recursos estilísticos usados pelos internautas nesse gênero com um enfoque no ensino de língua materna.

## **1 DO ESTILO INDIVIDUAL AO ESTILO COLETIVO**

O estilo é realmente um objeto de reflexão polêmico e, por isso, as muitas definições construídas revelam a tentativa de capturá-lo. Dessas tentativas, talvez a mais comum seja a de associar o estilo à subjetividade, o que nos leva a pensar o estilo como uma marca individual. Opondo-se a essa perspectiva individualizante, Bakhtin (1926, *apud* BRAIT, 2005) defende que “o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior de uma pessoa” (p. 83). Por esta razão, ao estudá-lo na obra de Dostoiévski, Bakhtin ([1929] 2002) afirma que “a estilística deve basear-se [...] no campo da vida autêntica da palavra. A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo [...] mutável. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz” (p. 202). Visto nesta perspectiva, o estilo é sempre um movimento de inserção do individual no social, e talvez seja por isso que Bakhtin (1987) tenha se interessado tanto pelo romance, pois reconhece que o estilo desse gênero é determinado por vários elementos que são transmutados por ele.

No ensaio sobre “Os gêneros do discurso”, Bakhtin ([1953] 2000) demarca as características de um gênero a partir de uma visão tripartite: tema, composição e estilo. Ao discutir sobre essas peculiaridades, o autor se refere ao estilo como a característica basilar do tripé, porque estilo e gênero são tão indissociáveis que se torna inviável um estudo do primeiro desvinculado do segundo. Tamanha é a associação de um com o

outro que Bakhtin chega a afirmar, categoricamente, que “quando há estilo há gênero” (p. 279). Esta indissociabilidade entre gênero e estilo se explica a partir do pressuposto de que “os estilos da língua pertencem ao gênero” (p. 284), ou seja, estão a serviço das práticas discursivas e não, exatamente, da língua enquanto sistema. Assim sendo, o autor considera que um estudo, cujo objeto seja o estilo, só tem motivos contundentes de existir se este estiver atrelado à caracterização de algum gênero. Evidentemente, esta posição do autor é uma crítica que ele faz às tentativas de tratamento do estilo sem a ancoragem em um estudo de gênero, que levariam a descrições débeis, cujo resultado seria “uma classificação pobre e não diferencial” (Id. *Ibidem*).

Nessa discussão, Bakhtin sugere dois tipos de estilos: o *estilo individual* e o *estilo lingüístico* ou *funcional*. A manifestação do primeiro parece se limitar aos gêneros primários embora seja produtivo, também, nos gêneros líricos, que são secundários. Já o segundo estilo é associado pelo autor às especificidades de formas genéricas complexas. Assim, o estudo do estilo lingüístico ou funcional seria um dos elementos importantes para evidenciar as marcas de um determinado gênero. O pensador russo considera possível, no entanto, que no estilo funcional possam aparecer marcas do estilo individual. Para ele, um conjunto de estilos peculiares dá forma à modalidade escrita da língua, mas isso não a impede, enquanto sistema, de estar em constante transformação, paralelamente a um outro, designado por Bakhtin ([1953] 2000) de “sistema de língua literária”. Este último opera, não só com os estilos da língua escrita, mas também com os da língua oral, ou, como ele mesmo diz, da “língua popular” (p.286).

Assim, o aspecto do entrelaçamento de estilos é visto como o formador de um novo estilo. Este aspecto é fulcral nesta discussão, pois se o discurso não literário tende a sofrer alterações, graças às constantes transformações próprias de uma língua viva, o que dizer do discurso literário que reúne, a um só tempo, os dois estilos, o funcional e o individual? Como podemos perceber, parece residir nesta discussão um alicerce teórico considerável para um estudo dos chamados gêneros híbridos porque “quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruimos e renovamos o próprio gênero” (BAKHTIN, [1953] 2000, p. 286). É nisso que consiste o fenômeno formativo da transmutação de gêneros, posto que, se um gênero é absorvido pelo outro, se as características de um são reinterpretadas por um outro, fatalmente estaremos diante de um novo gênero.

Estas formulações teóricas sobre o estilo e o conceito de transmutação são pertinentes ao nosso objeto por duas razões que julgamos centrais a este capítulo. A primeira é porque entendemos que só nos foi possível realizar uma análise estilística do *chat* aberto alicerçados em sua caracterização como uma forma genérica, própria de uma esfera complexa de comunicação. Em segundo lugar, porque, tendo surgido na Internet, este gênero traz, em sua organização composicional, temática e, sobretudo, estilística, as marcas dessa esfera<sup>2</sup>. Afinal, como nos ensina Bakhtin ([1953] 2000) “cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos” (p. 284).

## **2 PERCURSO METODOLÓGICO**

---

<sup>2</sup> Sobre essa questão, cf. o capítulo de Araújo & Costa, neste livro.

Para a construção dos dados que analisaremos aqui, adotamos a observação participante de cunho etnográfico em salas de *chat* do provedor UOL (Universo *On-Line*). Optamos pelo UOL por ser o maior provedor de toda a América Latina, que hospeda mais de três mil salas de *chat*, das mais variadas categorias. Desta maneira, passamos a acessar, aleatoriamente, as salas sem optar por nenhuma em particular. O objetivo era perceber como se dava o funcionamento do gênero *chat* aberto <CAB> e quais as regularidades que podiam ser observadas. Esta observação aconteceu durante oito domingos, totalizando, assim, dois meses: maio e junho de 2001. A escolha do domingo não foi aleatória, pois este é o dia de maior pico nas salas de *chat* brasileiras, possivelmente devido aos custos reduzidos dos pulsos telefônicos, fato que nos possibilitou também, através da observação etnográfica, dar contornos mais qualitativos à pesquisa (cf. GEERTZ, 1989; BOGDAN & BIKLEN, 1994; MAYANS I PLANELLS, 2002; HOFFNAGEL, 2004).

Seguindo a orientação de Yuan (2003), cada observação foi convertida em arquivos de *Word* que, depois de impressos, rendiam uma média de 30 páginas. Esta grande quantidade de material se deve ao fato de a atividade de interação nos *chats* acontecer com uma velocidade vertiginosa. Em pouquíssimos segundos é possível verificar um número muito grande de turnos projetados no monitor. Diante disso, fizemos um recorte no volume de dados, separando cinco seqüências conversacionais (SC`S) para servirem de ilustração para a nossa análise.

Ao observar os turnos selecionados para a análise, o leitor perceberá que há uma distância de tempo entre um turno e outro, constatável pelo horário parentetizado que precede os turnos. Notadamente, isto se dá porque os participantes conversam com muitas pessoas ao mesmo tempo e, enquanto falam com um, deixam de responder a outro, construindo uma sintaxe conversacional bastante distinta da usual. Por essa razão, conservamos os textos da maneira como ocorreram durante a realização dos *chats*, nos quais serão encontradas falhas de digitação, comuns nas interações via Internet e decorrentes, dentre outros fatores, da pressa com que os usuários digitam para conseguir manter contato com o maior número possível de participantes, principalmente, quando se tratam de interações em um <CAB>.

Com base nesta constatação, nosso procedimento foi recortar algumas duplas ou pequenos grupos de participantes para selecionar turnos, em que se pudessem isolar pares adjacentes, distribuídos em SC`S. Para fundamentar essa decisão, apoiamos-nos em Bakhtin ([1929] 2002) para quem “o gênero possui sua lógica orgânica, que em certo sentido pode ser entendida e criativamente dominada a partir de poucos protótipos ou até fragmentos de gênero” (p. 159). Deste modo, os trechos apresentados neste estudo servem para propiciar uma compreensão do funcionamento e do estilo do gênero <CAB> que se manifestam nas marcas singulares da escrita.

O critério de definição da amostra foi o de isolar fragmentos que permitissem a identificação do estilo do <CAB>, manifesto através dos usos de *emoticons*<sup>3</sup>, de repetições de letras e sinais de pontuação, do uso da letra **K**, e, finalmente, da representação da nasalidade, usada para evitar o uso do til. Esses elementos estilísticos dão guarida a nossa suposição de trabalho, segundo a qual eles representam, ao mesmo

---

<sup>3</sup> Para uma análise mais profunda sobre os *emoticons*, cf. o capítulo de Fontes, neste livro.

tempo, as marcas da transmutação e do estilo na escrita do gênero <CAB>, conforme veremos na análise a seguir.

### 3 ANALISANDO O ESTILO DO CHAT ABERTO

#### 3.1 DOS *EMOTICONS* E DAS IMAGENS

Os *chats* constituem uma constelação de gêneros (cf. ARAÚJO, 2004a; 2006) que permitem uma interação simultânea entre muitas pessoas ao mesmo tempo, embora elas não disponham da presença física umas das outras. Por causa disso, as informações paralingüísticas, comuns em situações comunicativas presenciais, como o barulho do ambiente, os gestos utilizados, a demonstração facial de sentimentos, por exemplo, ficam aparentemente ausentes durante as interações eletrônicas. Foi exatamente da necessidade de transmitir as emoções, os gestos e atitudes que caracterizam uma conversa face a face que os usuários dos *chats* foram, pouco a pouco, elaborando estratégias para preencher essas lacunas de paralinguagem. Entre elas, estariam as curiosas combinações entre sinais de pontuação, letras, números e outros caracteres, disponíveis nos teclados dos computadores, chamadas de *emoticons*.

Além destes, os internautas contam com as imagens, provavelmente pensadas pelos engenheiros de *softwares*, para também simular características de um bate-papo presencial dando aos *chats* características de hipertextualidade (cf. ARAÚJO & BIASI-RODRIGUES, 2005). Tanto a primeira quanto a segunda estratégia parece possuir a mesma função dentro do gênero: revelar emoções e outras manifestações próprias de uma comunicação face a face em uma prática discursiva que se realiza, prioritariamente, pela escrita e em tempo real. Neste sentido, não seria demais sugerirmos que vários recursos de escrita, conforme ainda veremos, foram absorvidos e reinterpretados pelos *chats*, tornando-se marcas estilísticas destes gêneros.

Como as imagens e os *emoticons* cumprem a mesma função nos *chats*, transmutando gestos e atitudes próprios de uma interação face a face para a esfera eletrônica, resolvemos fazer uma rápida comparação para verificar em números percentuais qual era a predileção dos internautas. Os dados mostraram que, entre as duas possibilidades, há uma preferência pelos *emoticons*, ainda que a diferença percentual seja equilibrada, pois enquanto há uma incidência de 48% de usos de imagens para representar os sentimentos, 52% dos internautas preferem eles mesmos “escreverem suas emoções”. Sobre a questão, Lundstrom (1995) afirma que os *emoticons* simulam oralidades por uma imposição da tecnologia, o que significa que o aproveitamento dos sinais da escrita sugere novas significações, pois os parênteses, o ponto final e a vírgula, originariamente, não assumem as representações como aparecem nos *chats*. Por isso mesmo, os *emoticons* exigem dos interlocutores um trabalho cooperativo, a fim de resolver possíveis problemas de compreensão que possam surgir.

O exemplo (1), a seguir, se mostra como uma simbiose oriunda da transmutação dos sinais de escrita para a expressão de sentimentos humanos na conversação eletrônica.

(1)

(13:05:34) @Dr.Paulinho Carioca grita com CERCÃO SAGÃO™: Tu e flamenguista, rapah???????? :-(-

(13:05:50) CERCÃO SAGÃO™ grita com @Dr.Paulinho Carioca: roxim :-))))

Neste exemplo, podemos observar que os dois *emoticons*, ao final de cada turno, ilustram os sentimentos dos interlocutores em relação ao clube de futebol preferido. Enquanto o primeiro demonstra repúdio à preferência do segundo, este utiliza um *emoticon* para manifestar o prazer que sente em declarar sua paixão pelo clube. Este uso da linguagem, segundo Nader (2001), “só faz sentido para quem envia e-mails [...] e para quem frequenta as salas de bate-papo, ou seja, onde ela foi criada” (p. 32). Isto só acontece porque os gêneros *chats* subvertem estes sinais da escrita, propiciando sua ressignificação.

Nesta primeira etapa da análise, já é importante fazer uma observação acerca da natureza multimodal da linguagem a serviço de uma interação sócio-discursiva eficaz, cujas estratégias de suprir comportamentos dos falantes *in presentia* são decorrentes da criatividade no emprego dos recursos existentes pelo falante-escritor do meio digital. Os dados servem também para se pensar em extrapolar o âmbito da linguagem verbal nas práticas escolares, as quais podem promover o domínio de estratégias lingüístico-discursivas que permitam ao aprendiz transferir conhecimentos adquiridos na escola para as situações sócio-discursivas de que participa cotidianamente.

### **3.2 DA REPETIÇÃO DE LETRAS E DE SINAIS DE PONTUAÇÃO**

Os *chats* também transmutam sentimentos através da repetição de letras ou de sinais de pontuação. Poucos minutos em uma sala de *chat* é o suficiente para observarmos o quanto estas marcas são bastante evidentes, ora para indicar espanto ora para representar euforias ou gritos. Essas idiosincrasias lingüísticas, ainda que causem estranheza a quem não está acostumado com o gênero, podem ser compreendidas se entendermos que um gênero é uma ‘ferramenta’ socialmente semiotizada, o que indica que seu uso pressupõe a existência de uma cultura. Sendo assim, tanto os *emoticons* como as repetições de letras e sinais de pontuação são, indubitavelmente, marcas de uma cultura digital, ou de uma cultura em uma realidade virtual.

Tal como fizemos em relação aos *emoticons* e às imagens, também procedemos a um exame estatístico para sabermos qual a preferência dos internautas em relação às repetições. Os números mostram que os internautas preferem repetir os sinais de pontuação, pois do universo das repetições encontradas no *corpus*, 28% representam as repetições de letras, ao passo que 72% correspondem às repetições de sinais de pontuação. A expressiva diferença percentual parece indicar que os sujeitos são guiados pelo conhecimento canônico dos sinais de pontuação, os quais, de acordo com os compêndios gramaticais, servem para indicar pausas, ritmos e entoação, elementos próprios da melodia da fala. Como eles se sentem falando, embora escrevam (cf. HILGERT, 2001), é natural que abusem dos sinais de pontuação, a fim de produzirem os efeitos de sentido pretendidos. Esse comportamento não deixa de representar o esforço dos sujeitos em reconstituir a entoação que eles pretendem conferir aos seus turnos.

Por outro lado, embora o percentual de 28% seja baixo, consideramos que a repetição de letras é tão importante quanto a dos sinais de pontuação, pois ambas as estratégias tentam imprimir na interação virtual as marcas próprias da oralidade. Relacionamos essas práticas à transmutação e ao estilo, pois as letras e os sinais de pontuação da escrita canônica, ao serem transportados para os *chats*, através de repetições, assumem funções similares, a fim de “transcrever os traços da oralidade” (CHAVES, 2001, p. 53). Acerca desta questão, Hilgert (2001) justifica a repetição de

sinais de pontuação nos *chats* dizendo que “o abuso dos pontos de interrogação e de exclamação [...] só se explica como tentativa de evocar impressões da interação face a face, pois um só de cada um dos sinais daria conta respectivamente do sentido interrogativo e exclamativo do enunciado” (p. 42).

Os exemplos a seguir retratam bem essa discussão.

(2)

(00:12:10) **£!ñd!ñhä** grita com §µ¶ € ® V@K@: ecooooo amiga....pensei q você

gostasse de mim 

(00:24:47) **£!ñd!ñhä** grita com §µ¶ € ® V@K@: ahhhhh!!!!!!!

(00:25:38) **§µ¶ € ® V@K@** grita com £!ñd!ñhä: naum tem ninguém pra cuidar do meu dodói!!! bbuuuuááááá!!!!!!!

O exemplo (2) mostra uma repetição de letras com o objetivo de expressar, pela escrita, uma manifestação paralingüística de nojo, típica da oralidade. Observamos que apenas a repetição da letra “o” já seria o suficiente para essa função, o que dispensaria o uso da imagem. Na seqüência do mesmo exemplo, outros turnos também demonstram simulações de manifestações orais referentes à surpresa e ao choro, respectivamente. Contudo, os usuários preferiram utilizar, simultaneamente, as repetições de letras e de sinais de pontuação, sendo que os últimos apenas reforçam o que os primeiros conseguem denotar *per se*.

No exemplo abaixo encontramos a repetição dos sinais de pontuação desempenhando outras funções que não correspondem aos cânones gramaticais.

(3)

(20:22:16) **amigo29** grita com \*^\*£indaÄgnes: lesgal?????????

Observamos que em (3) os pontos de interrogação andam longe de marcar uma pergunta. Na verdade, eles passam a ser ressignificados para caracterizar uma exclamação, lembrando uma alteração na melodia da fala e levando-nos a constatar que não há uma relação do emprego desses sinais com o que prega a escrita canônica. Com isso, podemos dizer que o <CAB> absorve e reinterpreta estes usos para desempenhar outras e variadas funções. Neste sentido, concordamos com Bakhtin ([1953] 2000) quando afirma que a combinação das formas lingüísticas não atende ao abstracionismo científico de uma língua como sistema, mas semiotiza necessidades enunciativas que se materializam no estilo dos gêneros do discurso.

Com isso se amplia o compromisso da escola com a responsabilidade de instrumentalizar os alunos para os usos efetivos da linguagem, ou melhor, das linguagens. Nas palavras de Biasi-Rodrigues (2004b), “o professor precisa estar atento ao que acontece na sociedade a sua volta, às suas experiências e às dos alunos, para partilhar e aprender com eles sobre os gêneros que estão sendo utilizados nos mais variados contextos, sobre os propósitos comunicativos que os movem e os efeitos pretendidos em cada situação particular”. Por aí também passa a noção de estilo e dos recursos estilísticos que são apropriados em cada evento sócio-discursivo.

### 3.3 DOS USOS DA LETRA “K”

Um outro dado bastante relevante é o concernente à alta frequência de uso da letra **K**. Por ser tão intenso o emprego desta letra no *corpus*, resolvemos estudá-lo em separado. A letra **K**, segundo Cunha & Cintra (1985), tem seu uso sempre restrito à transcrição de nomes estrangeiros e seus derivados, além de abreviaturas de pesos e medidas como **KG** (quilograma) e **KM** (quilômetro) e símbolos de uso internacional como **K** (Potássio). No entanto, nos *chats*, esta letra tem sido usada para substituir as demais que representam o fonema /k/. Constatamos que este procedimento dos internautas não chega a ser um “erro de escrita” porque é algo previsto pelo sistema lingüístico, pois, como bem observa Bechara (1997), “o **k** é substituído por **qu** antes de **e** e **i** e por **c** antes de outra qualquer letra” (p. 59).

As ocorrências encontradas nas **SC`S** mostraram que esta letra equivale sempre ao fonema /k/, utilizada para substituir o dígrafo **QU**, a letra **C**, ou para representar, onomatopaicamente, os risos dos participantes. Um tratamento estatístico também revelou que 13% dos casos em que a letra **K** apareceu foi para representar os risos dos participantes; e 27% para a substituição da letra **C**. Esta substituição ocorre somente quando o **C** representa na escrita o fonema /k/. Finalmente, encontramos 60% dos casos substituindo o dígrafo **QU**, sendo, portanto, esta a opção mais usada. As escolhas lingüísticas, representadas pelas equações **K=QU** e **K=C**, poderiam estar associadas à tendência da abreviação, prática muito recorrente neste gênero (cf. ARAÚJO, 2005b). Estas opções nos interessam por expressarem tentativas de transcrição da oralidade no que podemos chamar de conversa escrita, cuja função parece ficar mais evidente na equação **K=RISOS**, pois, por ela, podemos observar que, além da necessidade de transcrever a fala, o uso da letra **K**, neste caso, representa uma maneira de suprir a falta de um recurso sonoro nos vários gêneros *chats*, como no caso abaixo, o dos risos.

(4)

(00:29:31) !ñd!ñhã grita com §µ¶ € © V@K@: de mim? Kkkkkkkkkkkk



No exemplo (4), temos a tentativa de escrever uma gargalhada (na falta de outro recurso), pois como a comunicação é intermediada pelo computador, fica complicado demonstrar os sons e as manifestações faciais dessa característica humana, especialmente, sem o uso de um microfone ou das imagens captadas por uma *webcam*<sup>4</sup>. Isto nos leva a sugerir que uso do **K**, para descrever uma expressão facial e/ou sonora de sorriso/gargalhada, torna-se uma marca de que a escrita no gênero estudado reflete o fenômeno da transmutação genérica.

Essa é uma das estratégias que mais assusta os professores de língua materna que prevêm uma invasão incontrolável das alterações do código escrito que a escola tenta salvaguardar. No entanto, algumas pesquisas (SANTOS, 2004; RIBEIRO, 2005)<sup>5</sup> já vêm mostrando que os internautas sabem muito bem fazer a diferença entre as normas que regem o uso da escrita padrão e as convenções que estão sendo gestadas para o uso de recursos adaptados da escrita e de outros associados a ela para dar conta das interações *on line*.

### 3.4 DAS MARCAS DE NASALIDADE

<sup>4</sup> Pequena câmera de vídeo que pode ser acoplada ao computador do usuário.

<sup>5</sup> Sobre a influência dos gêneros digitais no ensino, cf. ainda o capítulo de Ribeiro & Araújo, neste livro.

Mais uma marca bastante curiosa na escrita dos *chats* é a representação da nasalidade<sup>6</sup>. Ao realizar um mapeamento quantitativo das incidências dessa marca, percebemos que 88% dos internautas preferem representar a nasalidade pelo segmento -*naum*; a preferência cai para 10% quando a escolha é -*um* e quase inexistente para -*ñ*, com uma percentagem de apenas 2%. De acordo com Nader (2001), o fato de o uso do til depender da ativação simultânea de duas teclas representaria um atraso temporal para a conversação. Nas palavras da autora, os internautas evitam o uso do til

para ganhar tempo na digitação, [e desse modo] muitos termos não são acentuados [de maneira que] digitar o acento ‘~’ fica complicado para o usuário, pois precisa pressionar duas teclas ao mesmo tempo para reproduzir o acento. A solução encontrada foi digitar ‘*naum*’ no lugar de não, ‘*entaum*’ no lugar de então, por exemplo” (NADER, 2001, p. 53 [grifo nosso]).

Essa explicação, de alguma maneira, pode ser comprovada pelo baixíssimo percentual do uso de -*ñ*, que quase não apareceu no *corpus*. O exemplo seguinte reúne algumas incidências dessas características estilísticas.

(5)  
(13:10:11) **Cearamor** fala para Lek@: entaum naum fresca com o  
cearaaaaaahhhhhhhhhhh  
(13:10:28) **Cearamor** fala para Lek@: tuh num torce ferrim eh?  
(13:10:34) **Lek@** discorda de Cearamor: ñ estou com vontade...vai tu que é  
melhor!!!

O segmento **aum**, destacado no primeiro turno do exemplo (5), foi amplamente encontrado em nosso *corpus*, mas ele não representa uma regra fixa e, além disso, ao contrário do que esperávamos encontrar, sua escolha não pode ser explicada unicamente porque o usuário precisa utilizar duas teclas de seu teclado ao mesmo tempo, já que existem modelos atualizados desse periférico em que o uso do til depende somente de pressionar uma tecla. Deste modo, preferimos relacionar o uso desta representação da nasalidade ao que Bakhtin ([1953] 2000) chama de estilo do gênero, evidentemente, pautado nas assertivas de que “os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero” (p. 284) e de que “nenhum fenômeno novo pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero” (p. 285).

Podemos acrescentar que a escrita digital vai adquirindo características próprias, distanciando-se da forma canônica em função da nova mídia e da necessidade de aproximar a escrita da fala, ou vice-versa, e em função de uma comunicação síncrona permeada pelo computador *plugado* na rede e da ação de interlocutores que precisam desenvolver habilidades de vencer as barreiras do tempo enquanto falam-escrevem. Dados como os que estamos analisando aqui mostram que identificar as marcas de estilo em diferentes gêneros textuais deve fazer parte do ensino-aprendizagem de uso da linguagem, que será socialmente definido por propósitos comunicativos apropriados a cada evento sócio-discursivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o que nos propomos realizar neste estudo, podemos afirmar que foi constatada a suposição de que as marcas deixadas pela transmutação podem revelar o

---

<sup>6</sup> Sobre essa característica da escrita no *chat*, cf. o capítulo de Caiado, neste livro.

estilo do gênero, conforme ilustram os vários fragmentos de conversação eletrônica explorados na análise. Os *emoticons*, as repetições de letras e de sinais de pontuação, os usos do **K** e, finalmente, as marcas de nasalidade se mostraram como elementos estilísticos do <CAB>, em consequência da transmutação da conversação face a face pela *Web*. O nosso estudo mostra que, fora de sua esfera de origem, a conversa cotidiana suscita nos internautas a necessidade de utilizar a escrita para representá-la. Isto não significa que o fato de os usuários “escreverem a conversa” descaracterize o que Bakhtin chama de diálogo, pois o autor também exemplifica a transmutação com a inserção deste evento em um romance, fazendo com que o diálogo na esfera literária também aconteça pela via escrita.

A diferença entre os dois gêneros é que o estilo do romance difere do estilo dos gêneros *chats*, devido às esferas em que estes efetivamente figuram. Enquanto o primeiro é mais laborioso e dispõe de tempo para a sua elaboração, os segundos se constituem em tempo real através de uma construção colaborativa e imediata. Por isso, entendemos que a necessidade de simular traços da oralidade, gestos, estados de espírito e outras paralinguagens, salienta as marcas da transmutação da conversa cotidiana pelos *chats*, e temos então o uso de *emoticons* e a escrita híbrida como parte do estilo desses gêneros. Essas considerações nos remetem mais uma vez ao pensamento de Bakhtin sobre a construção coletiva do estilo que, no caso do <CAB>, emerge do encontro virtual entre diversas pessoas que percebem e compreendem o seu interlocutor, presumindo sua responsividade.

Lidar com essas questões nas práticas pedagógicas com a linguagem é levar em conta que a sociedade desenvolve suas práticas discursivas em função dos seus propósitos comunicativos e que cria novos mecanismos de interação em função de novas tecnologias. Os alunos e os professores são partes atuantes neste processo de interação social fora da escola e não se pode conceber que fiquem à margem dessa evolução, dentro da escola, desconsiderando as inovações em nome de tradições que limitam o tratamento da linguagem ao ensino de metalinguagem.

O desafio que se pode colocar para o professor de língua materna é o de descobrir maneiras de explorar os recursos da interlocução digital para evidenciar as diferenças entre as mídias, para explicar a finalidade e a utilidade de cada uma em vez de abominar uma e sacralizar a outra. Um comportamento preconceituoso não vai evitar que os conhecimentos se interpenetrem, pois é assim que a linguagem funciona, numa grande e incontrolável mobilidade, à revelia dos puristas e gramatiqueros de plantão. Ignorar o que está acontecendo fora do contexto escolar é andar na contramão da história, é deixar passar a oportunidade de ser personagem e de atuar no cenário que está sendo construído a nossa volta, quer queiramos quer não.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. C. **Os chats: uma constelação de gêneros na Internet**. Tese (Doutorado em Lingüística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2006.

ARAÚJO, J. C. Chat na Web: um estudo de gênero hipertextual. In. CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. & MIRANDA, T. P. (ORGS.). **Teses & Dissertações: Grupo PROTEXTO**. Volume 1. Fortaleza: PROTEXTO – UFC, [2003] 2005a. [CD-ROM]. ISBN – 85-904864-2-7

ARAÚJO, J. C. Idiossincrasias lexicais em salas de *chat*. **ANAIS do VII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2005b.

ARAÚJO, J. C. A organização constelar do gênero *chat*. In. CAVALCANTE, M. M. & BRITO, M. A. (ORGS.) **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: PROTEXTO/UFC, 2004a [CD-ROM]. ISBN – 85-904864-1-9

ARAÚJO, J. C. A conversa na Web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (ORGS.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004b. pp. 91-109.

ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. A natureza hipertextual do gênero *chat* aberto. In ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. (ORGS.) **Interação na internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. pp. 48-62.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética (a teoria do romance)**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Editora Nacional, 1997.

BIASI-RODRIGUES, B. A diversidade de gêneros textuais no ensino: um novo modismo? In: **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação da UFSC**. v. 20, n. 1, 2002. p. 49-64.

BIASI-RODRIGUES, B. Diferentes abordagens teóricas sobre gêneros textuais e suas implicações para o ensino. In. CAVALCANTE, M. M. & BRITO, M. A. (ORGS.) **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: PROTEXTO/UFC, 2004a [CD-ROM]. ISBN – 85-904864-1-9

BIASI-RODRIGUES, B. Tratamento de gêneros textuais na escola. In. CAVALCANTE, M. M. & BRITO, M. A. (ORGS.) **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: PROTEXTO/UFC, 2004b [CD-ROM]. ISBN – 85-904864-1-9

BRAIT, B. Estilo. In. BRAIT, B. (ORG.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 79-102.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. de A. R. Machado. São Paulo: EDUC, 1999.

BOGDAN, R. & BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

CHAVES, G. M. M. Interação on-line: análise de interações em salas de *chat*. In: PAIVA, V. L. M. (ORG.) **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2001. pp. 37-73.

CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HILGERTEZ, J. G. A construção do texto ‘falado’ por escrito: a conversação na Internet. In. PRETI, D. (ORG.) **A fala e a escrita em questão**. 2 ed. São Paulo: Humanitas. FFLCH/USP, 2001. pp. 17-55.

- HOFFNAGEL, J. C. **Etnografia e os gêneros textuais: considerações teórico-metodológicas**. Comunicação apresentada na XX JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, acontecida em João Pessoa (UEPB) entre 07 a 10 de setembro de 2004.
- JEWITT, C. & KRESS, G. (ORGS.). **Multimodal literacy**. New York: Peter Lang, 2003.
- LUNDSTROM, P. **Synchronous computer-mediated communication: Will Internet talkers improve the communicative competence of ESL/EFL Students?** Disponível em: <ftp.hawaii.edu/outgoing/phxrsng/masters/paper>, 1995. Acesso: em nov. de 2002.
- MACHADO, I. A. Gêneros discursivos. In BRAIT, B. (ORG.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 151-166.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (ORGS.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp. 13-67.
- MAYANS I PLANELLS, J. **Género chat: o como la etnografía puso un pie en el ciberespacio**. Barcelona: Gedisa Cibercultura, 2002.
- NADER, V. H. **A interação virtual em diálogos da Internet: novas possibilidades para a análise do discurso**. Dissertação. (Mestrado em Linguística). São Paulo: FFLCH/USP, 2001.
- RIBEIRO, M. M. **Gêneros digitais na escola: uma experiência com crianças em processo de alfabetização**. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa). Fortaleza: UECE, 2005.
- SANTOS, M. E. Chat: e agora? Novas regras, nova escrita. COSCARELLI, C. V. & RIBEIRO, A. E (ORGS.) In. **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. pp. 151-183.
- YUAN, Y. The use of chat rooms in na ESL setting. **Computers and composition: an international journal**. vl. 20. number 2, 2003. pp. 194-206.